



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 317-326, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

AUTISTA E ALFABETIZAÇÃO¹

AUTISTIC INDIVIDUALS AND LITERACY

Mayara dos Santos de Souza

RESUMO

Este artigo visa compreender as práticas pedagógicas na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do município de Sinop, Mato Grosso, que atende crianças com autismo no ensino fundamental. A metodologia teve abordagem qualitativa, com observação participante, possibilitando analisar o contexto vivenciado pela professora e os obstáculos que enfrenta para alfabetizar este aluno, seguindo de entrevista semiestruturada com a professora da sala de aula. Os resultados da pesquisa apresentam a importância das adaptações nas atividades para o desenvolvimento do aluno com autismo.

Palavras-chave: Educação Fundamental. Autismo. Práticas Pedagógicas. Professor. Estudo de caso.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**, sob a orientação do Me. Adil Antonio Alves de Oliveira, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/2.

² Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora Interinada Curso de Letras da UNEMAT/Sinop/MT. Mestra em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/ Sinop.

This article aims to understand pedagogical practices in the literacy process of children who have Autistic Spectrum Disorder. The research was carried out in a public school from Sinop city, Mato Grosso state, which receives children with autism in Elementary school. The methodology had a qualitative approach with the researcher observation that allow the analysis of the context experienced by the teacher as also the obstacles he faces in order to literacy this student. Semi-structured interview with the classroom teacher was also used. The research results show the importance of activities adaptations for the full development of students with autism.

Keywords: Elementary Education. Autism. Pedagogical practices. Teacher. Case Study.

Correspondência:

Mayara dos Santos de Souza. Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: mayaraandrejr@hotmail.com

Recebido em: 27 de agosto de 2020.

Aprovado em: 1 de setembro de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4117/2791>

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se torna relevante para os profissionais da educação que atua na área da alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresentando questões que os professores vivenciam dentro da sala de aula, dessa forma trazendo reflexões sobre as práticas pedagógicas e a importância das adaptações nas atividades.

Compreender o Transtorno do Espectro Autista se torna difícil, pois cada indivíduo apresenta características diferentes, sendo uma das implicações para a compreensão das necessidades do aluno. No entanto, a escola vem sendo um espaço favorável ao desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. De acordo com Santos (2017, p. 97):

Quanto maior for o grupo dessas interações da qual a criança participa, melhor será seu desenvolvimento. Assim sendo, a escola torna-se um ambiente social capaz de desenvolver por meio de estímulos externos os relacionamentos com a troca seus semelhantes, podendo propor atividades desafiadoras e favoráveis ao desenvolvimento cognitivo, social, emocional e linguístico.

E para que isso ocorra é necessário que os professores estimulem estas ações de todos da instituição de ensino, incluindo-os nas atividades, ações estas amparadas pela Declaração de Salamanca que segundo Aguiar (2004, p. 15):

[...] a Declaração de Salamanca, que é um marco histórico altamente significativo a favor da inclusão, favorecendo essa ideia em vários países e também no Brasil. O princípio fundamental que orienta a Declaração de Salamanca é o de que as escolas devem acomodar todas as crianças, possibilitando que elas aprendam juntas, independente de quaisquer dificuldade ou diferença que possam ter, que sejam de origem física, intelectual, social, emocional, linguística ou outras.

Portanto, percebemos a importância da reflexão sobre o TEA e principalmente sobre a melhor forma de elaborar o planejamento, observando as necessidades do aluno, neste trabalho levantamos a seguinte questão: quais as implicações nas práticas pedagógicas na alfabetização de crianças com TEA? Sendo está uma questão que muitos profissionais da educação manifestam. Segundo Ramos (2018, p. 416):

A partir do momento que o professor se depara com o desafio de ter um aluno autista em sua sala de aula, é necessário que o profissional de ensino organize o espaço a ser trabalhado de tal maneira que ele consiga ensinar o restante da turma, pois, o educando que sofre com autismo consegue responder os sistemas organizados.

Dessa maneira podemos observar o quanto o planejamento e a compreensão das necessidades dos alunos são essenciais para alcançar os objetivos na alfabetização das crianças com TEA. No entanto, realizamos esta pesquisa em uma escola de municipal de Sinop/MT, utilizamos a metodologia de forma qualitativa, a qual iniciou com observação participativa para melhor compreender a realidade dos sujeitos envolvidos, seguindo de entrevista com uma professora do primeiro ano do ensino regular. De modo geral buscamos compreender os desafios que a professora encontra em suas práticas pedagógicas com o aluno com TEA.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

As pesquisas sobre o Transtorno do Espectro Autista ganharam espaço a partir de 1943 com o Psiquiatra Leo Kanner, que estudou as características de um grupo de crianças que apresentavam comportamentos similares, que de acordo com Leboyer (2003, p. 09) as características destas crianças incluíam:

São chamadas autistas crianças que têm inaptidão para estabelecer relações normais com o outro; um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma incapacidade de lhe dar valor de comunicação. Essas crianças apresentam igualmente estereotípias gestuais, uma necessidade imperiosa de manter imutável seu ambiente material, ainda que dêem provas de uma memória frequentemente notável. Contrastando com esse quadro, elas têm, a julgar por seu aspecto exterior, um rosto inteligente e uma aparência física normal.

Atualmente o TEA continua com esses conceitos, considerado um transtorno comportamental que em tese aparece nos três primeiros anos de vida, no qual a criança apresenta alterações no desenvolvimento das principais habilidades: a comunicação/linguagem, a interação social e o comportamento, estas características são perceptíveis no decorrer do desenvolvimento da criança, pois, é o momento em que a família estimula a aprendizagem da criança para a comunicação e gestos simples.

As características são singulares para cada caso, mesmo que as crianças se encontrem no mesmo nível de comprometimento, as manifestações do transtorno ocorrem de formas diferentes, sendo perceptíveis principalmente no processo de desenvolvimento da comunicação verbal e não verbal, pois, a criança com autismo irá se retrair, não manifestará reações aos estímulos, ou apresentará ecolalia. Segundo Revière (2004, p. 235):

[...] ausência de linguagem em algumas crianças autistas, seu uso estranho nas que possuem, como se fosse “uma ferramenta para receber ou transmitir mensagens significativas” (1943, p. 21), e definem-se alterações como ecolalia (tendência a repetir emissões ouvidas, em vez de criá-las espontaneamente), a tendência a compreender emissões de forma mais literal, a inversão a pronomes pessoais, a falta de atenção à linguagem, a aparência de surdez em algum momento do desenvolvimento e a falta de relevância das emissões.

Então podemos observar vários aspectos em relação à comunicação que só é possível perceber durante o convívio com a criança. Além da comunicação, a interação social é inexistente, a dificuldade de se relacionar com o próximo é visível através da inquietação de autistas em lugares que não conseguem se isolar, na maioria dos momentos a criança brinca sozinha, não aceitando outras pessoas no seu espaço, não possuindo reciprocidade nos sentimentos afetivos em alguns casos.

3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA

Nas práticas pedagógicas é fundamental que o educador se atente para o atendimento as diversidades encontradas na sala de aula, ainda mais quando há crianças com necessidades educativas especiais como TEA. Esse atendimento requer atividades que corresponda as necessidades de aprendizagem do aluno em que o auxílio e os obstáculos devem ser apropriados as capacidades, se preocupando sempre com a motivação de aprendizagem do aluno, pois “a falta de motivação, em muitos casos de autismo, pode ser o problema mais difícil que o professor enfrenta” (REVIÈRE, 2004, p. 252).

As práticas dos profissionais colaboram para a inclusão deste aluno nas atividades onde todos participam, contribuindo assim para o desenvolvimento da interação social e a comunicação, desta forma, esse processo necessita do envolvimento do professor como agente facilitador, assim, todos os alunos apresentarão uma grande melhora no desenvolvimento social e pessoal. Para que estas ações ocorram da melhor maneira, são importantes adaptações para o atendimento de alunos com TEA, pois segundo Santos (2017, p. 104):

adaptar as estruturas físicas e educativas para tornar mais fácil a participação social; para aprender a se relacionar, eliminando as barreiras psicológicas e sociais que impõem; criar clima de cooperação na sala de aula docente x aluno, aluno x aluno e família.

Os profissionais alcançarão melhores resultados partindo dos estudos, ou seja, da formação continuada que contribuí para um trabalho de qualidade para os professores, principalmente quem atende alunos com necessidades especiais.

4 CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa tem como foco a busca pela análise e a compreensão das práticas pedagógicas dos professores do ensino regular, que atuam no primeiro ano do ensino fundamental e atendem crianças diagnosticadas com TEA. A pesquisa envolveu uma escola municipal de Sinop, com uma professora que atua na alfabetização de uma criança com TEA. Deste modo, nos apoiamos na pesquisa qualitativa, seguindo de entrevista com a referida professora e observação participativa. Assim, de acordo com Deslandes (2009, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, como um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes [...].

Assim tivemos a oportunidade de conversar com a professora durante as atividades propostas observadas nas dimensões coletivas, individualizadas e nos aspectos subjetivo e objetivo.

5 DISCUSSÕES E ANÁLISES

Neste capítulo realizamos a discussões e análise dos dados coletados, em relação às práticas pedagógicas da professora que designamos como Professora A. No decorrer da entrevista fizemos perguntas para compreender suas práticas pedagógicas com o aluno que atende no ensino regular, e inicialmente levantamos a questão em relação ao planejamento, sobre as adaptações nas atividades deste aluno, ela afirma da seguinte maneira:

(01) Professora A: Eu sempre pego a questão de que ele sabe, de alguma coisa que ele vai conseguir fazer e vou colocando alguns desafios, pequenos desafios para ele. [...] Começo fazendo alguma coisa que ele faz, que ele consiga executar, e eu vou colocando desafios nas próximas atividades graduais.

Dessa forma a profissional propõe que as atividades estimulem o aluno, se sentindo capaz de realizá-las, para que o mesmo tenha incentivos de continuar.

Assim é preciso “Estabelecer metas ao alcance dos alunos para que possam ser superadas com o esforço e a ajuda necessária” (ZABALA, 1998, p. 92), deste modo, o aluno colocará os esforços necessários para que não ultrapasse seu limite. Privilegiando os desafios alcançáveis para não desestimular e tirar o interesse do aluno no conteúdo apresentado. De acordo com Zabala(1998, p. 36):

Sem dúvida, é difícil conhecer diferentes graus de conhecimento de cada menino e menina, identificar o desafio de que necessitam, saber que ajuda requerem e estabelecer a avaliação apropriada para cada um deles afim de que se sintam estimulados a se esforçar em seu trabalho. Mas o fato de que custe não deve nos impedir de buscar meios ou formas de intervenção que cada vez mais, nos permitam dar uma resposta adequada às necessidades pessoais de todos e de cada um de nossos alunos.

Quando um profissional encontra obstáculos no decorrer da atuação, precisa encontrar meios para que alcance o objetivo proposto no início, e essas mudanças podem surgir quando se compreende o que o aluno necessita, dessa forma partimos para as adaptações nas atividades com pequenas barreiras, e que o aluno compreenda o significado daquela aprendizagem. Em relação a estas ações pedagógicas a Professora A considera relevante as seguintes práticas:

(02) Professora A: É realmente você tentar descobrir o que ele está conseguindo absorver ali e daí você ir colocando desafios. Pelo menos com o meu aluno você tem que dar coisas que ele consiga fazer e a partir do momento que ele consegue fazer ele segue fazendo, você vê que ele se sente, digamos assim no meio ali.

Para compreender se o aluno está aprendendo é um processo que necessita de observação e intervenção, para entender como o aluno desenvolve a atividade e em quais momentos precisa de intervenção. “Avaliar os alunos conforme suas

capacidades e seus esforços, levando em conta o ponto pessoal de partida e o processo através do qual adquirem conhecimento” (ZABALA, 1998, 92), identificar a evolução do aluno em determinado tempo.

Para que ocorra essas práticas pedagógicas consideramos pertinente pedir uma orientação partindo das experiências que possuí com seu aluno para esta atuação, e obtivemos a seguinte resposta:

(03) Professora A: Você tem que conhecer o seu aluno, tentar criar principalmente com eles uma afetividade [...] perceber qual a limitação, o que ele precisa e o que ele não precisa.

A professora demonstra preocupação com o desenvolvimento das aprendizagens de seu aluno, faz adaptações e considera fundamentais para a evolução do aluno, e também percebemos que suas adaptações são nos momentos necessários, quando percebe que o aluno já está preparado ela retira aos poucos o apoio, assim como afirma Zabala (1998, p. 105):

A realização de ações deve ser precedida em termos gerais, da observação de modos indicados pelos professores, adequados às possibilidades reais de cada menino e menina. Assim, pois, é preciso oferecer modelos de maneira a realizar o procedimento ou técnica, é preciso oferecer um apoio constante na realização de cada um dos passos e é preciso retirar progressivamente estas ajudas até que os alunos sejam capazes de atuar de forma autônoma.

Percebemos o desenvolvimento da autonomia do aluno com TEA, a estimulação para que seja independente nas suas ações do dia a dia, formando assim a autoconfiança para realizar determinadas atividades. No entanto, a professora relatou que o aluno com TEA tem dificuldade de interação social, sendo está característica presente nas crianças com TEA, e em relação à interação com os demais colegas ela afirma que:

(04) Professora A: Ele não tem nenhuma interação com os colegas em nenhuma das atividades, eu tento, mais no máximo é que eu coloco um coleguinha do lado dele, mas ele não brinca com ninguém.

Conseguimos compreender este comportamento do aluno, porém, percebemos que a Professora A incentiva que todos interagem com ele, estimula a socialização, em atividades dentro e fora da sala de aula, pedindo para que as crianças ajudem-no em algumas situações. Segundo Winter (apud MITTLER, 2003, p. 173):

As crianças podem ensinar outras crianças e podem aprender ao fazer isso... colocando de maneira simples, todos os sistemas educacionais estão cheios de estudantes e todas as classes são ricas em estudantes, não importa a falta de recursos.

Entendemos que mesmo com a falta de recursos é possível que as crianças aprendam umas com as outras, mas com os alunos com TEA isso não ocorre, no entanto, podemos fazer com que as outras crianças compreendam esse comportamento para que não excluam ele das atividades que tem interesse. Todos têm direito a educação, e necessitam de apoio, precisam ser incluídas nas atividades mesmo com os desafios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa refletimos a relevância da dedicação dos profissionais nas práticas pedagógicas para o desenvolvimento completo das crianças com TEA, percebemos a importância do planejamento flexível de qualidade, sendo assim indispensável conhecer as necessidades de seus alunos.

A inclusão e valorização dos conhecimentos e interesses destes alunos no decorrer das aulas é fundamental para a estimulação da participação, já que estes alunos possuem dificuldades na interação social. Assim, trabalhamos a empatia e o respeito pelo próximo com todas as crianças envolvidas neste espaço escolar.

Observamos que a inclusão contribui para uma criança com autoconfiança e autonomia para realizar as atividades, percebemos assim que ainda encontramos profissionais dedicados para com estes alunos, proporcionando conhecimentos que vão além do espaço escolar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de. **Educação Inclusiva**: jogos para o ensino de conceito. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

DESLANDES, Suely Ferreira (org.). **Pesquisa social teoria método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil**: fatos e modelos. Tradução de Rosana Guimarães Dalgalarondo. São Paulo: Papyrus, 2003.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Tradução de Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RAMOS, Sueli Regina. Os desafios encontrado pelos professores frente a criança com autismo. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 9, ed. 23, 2018. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index> Acesso em: 19 fev. 2020.

RIVIÈRE, Ángel; COLL, César; et al. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Vanice de Paula dos. **A percepção e as expectativas dos gestores e docentes das salas regulares**: cenário a educação inclusiva. Sinop, MT: Imprenort, 2017.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, pela oportunidade de estar cursando a graduação, ao meu orientador que me auxiliou na busca do conhecimento e das respostas para a concretização deste trabalho, aos meus professores e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).